

# CÉU DE MARTE

CAROLINA MANCINI



ORIGINALMENTE PARTE DA ANTOLOGIA A NOITE DAS BRUXAS



# CÉU DE MARTE

CAROLINA MANCINI

EDITORA OCULTA

*Este conto foi semifinalista do prêmio ABERST de Literatura  
na categoria Narrativa Curta de Horror.*

# CÉU DE MARTE

CAROLINA MANCINI



**N**inguém sabe ao certo como aconteceu. Talvez um meteoro na tentativa do universo de se livrar de nós. A verdade é que o mundo acabou e a areia vermelha ergueu-se, varrendo continentes inteiros.

Sendo a única água disponível a do oceano, os sobreviventes procuraram maneiras de torná-la potável, e garantir que continuássemos vivos. O projeto que obteve sucesso, foi a criação de bombas de dessalinização próximas às praias. Logo, formaram-se colônias de plantação e pequenos agrupamentos em torno destas indústrias, aglomerados que ganharam o nome de Distritos, e precisavam de trabalho sem fim para se manter, ainda que o cansaço, a dor e a fome assolassem quase sem trégua.

Algumas das antigas cidades litorâneas conseguiram recuperar parte de suas construções, tornando-se os centros das Federações, reorganizando os Distritos sob sua coordenação, dando preferência a treinamento especializado e reativando laboratórios. Entre remédios e vitaminas neles produzidos, criaram o Complexo 14, pílulas capazes de diminuir a fome, a indisposição e, principalmente, a necessidade de sono.

Além da tentativa de abolir o cansaço, também não havia

tempo para chorar os mortos enterrados pela areia. Não houveram cerimônias, nem palavras de afeto, ou minutos de silêncio. Cada um tratou seu luto como achou que deveria. Era preciso reconstruir e só.

Dez anos depois as colônias pouco haviam avançado, e as Federações enviavam algumas expedições continente à dentro, na busca por expandir os territórios e, em um esforço antropológico e arqueológico, buscar no passado qualquer coisa que servisse à humanidade. No entanto, o deserto se vingava, e cobria de areia cada novo passo das expedições que logo se tornaram um fracasso inviável.

Mais quinze anos se passaram desde que a primeira remessa do Complexo 14 chegou, alterando nosso DNA, e como efeito colateral, tornando nosso sono superficial, confuso e invadido por pesadelos.



A NOITE IA alta e as ondas na praia atravessavam o silêncio quando o grito agudo e longo rompeu a calmaria. Levantei do catre e atravessei a fenda da cabana. Sob a noite outros colegas do acampamento se prostravam lá fora, atentos. Então, outro grito se fez ouvir.

Alguns correram para fora do acampamento, circulando pela praia, para chegar nas escadarias de madeira e o platô onde ficava as bombas de salinização, e a pequena cidade, projetada aos pés da montanha Tesakã<sup>1</sup>.

No entanto, do lado oposto à cidade e às bombas, eu o vi: um vulto azulado, tremeluzindo e cambaleando pela trilha montanha acima.

Pensei em segui-lo quando uma mão enrugada e familiar

---

1. Em Guarani: Leve

tocou meu braço direito, tirando-me do hipnotismo daquela aparição. Virei-me para o lado, e encontrei o rosto conhecido, de olhos calmos, muitas rugas e pinturas na pele em formas geométricas. “Vá para a cidade, nós cuidamos dele”, Yvoty, a velha sábia, que apontava para o vulto, não estava verdadeiramente ao meu lado, apenas sua imagem vinha até mim, como parte da ligação psíquica entre as bruxas. Eu concordei com um leve aceno, e sua figura desapareceu no ar.

Corri pela subida íngreme à minha frente para cortar caminho. As roupas largas atrapalhavam um pouco, e escorreguei algumas vezes antes de entrar nas ruas de pedra da cidade que me levariam à praça central. Moradores perplexos olhavam Julia, uma menina de dez anos, ajoelhada ao lado da mãe. A mulher, de aparência cansada e profundas olheiras, jazia sobre o piso de pedras. Da parte de trás de seu crânio o sangue escorria.

Fui na direção da menina e ajoelhei-me ao seu lado, pedindo que olhasse para mim, enquanto a tocava no ombro. Eu tentava manter a voz firme, e também terna. Julia precisava saber que não estava sozinha, e romper o transe que a imagem da mãe lhe causava. Quanto mais tempo ela mantivesse o olhar sobre o cadáver, mais profundo seria o trauma.

Todos se conheciam no distrito, e Julia já havia me visto na praia. No dia, me preparava para a cerimônia Ko'~embotávo<sup>2</sup>, e ela perguntou-me sobre o ritual. Nós conversamos por horas... Eu ainda podia lembrar de sua expressão esperta e curiosa.

— Julia. Olhe *pra* mim! — Falei, mas sem obter resposta, virei-a em minha direção e toquei em sua testa com meu polegar. Ela dormiu de olhos abertos por três segundos, e nesse instante vi sua lembrança recente: ela correndo atrás da mãe que se levantou no meio da noite, como uma sonâmbula, subiu as

---

2. Em Guarani: amanhecer

escadas de uma construção de pedras, mais alta que as demais, e se jogou, de costas. A morte foi instantânea.

Tirei a menina do torpor e a abracei com força, gritando na direção dos que assistiam a cena.

— Não foi ela quem gritou. Nós precisamos encontrar quem...

Mas não terminei meu raciocínio. No mesmo instante ouvimos outro urro de dor, vindo do centro de dessalinização. Iza, uma das senhoras que morava na cidade, se aproximou para cuidar de Julia e me levantei. Os moradores do distrito haviam saído de suas casas e ocupavam as ruas de pedras. Curiosos, porém atônitos, poucos conseguiam romper o torpor que o Complexo havia incutido em seus nervos. Eram como zumbis na noite escura, entorpecidos. Corri entre eles e atravessei o portão de arames da pequena indústria, dando a volta no galpão principal. Havia o corpo de um rapaz caído no chão, e uma mulher desesperada gritando ao seu lado. Chegando mais perto reconheci David, ele não tinha mais que 25 anos, e trabalhava na pesca, a mulher, era sua mãe.

— Outro suicídio. — Deixei escapar meu pensamento.

— O que está dizendo Maya? — Alguém me perguntou, mas não reconheci a voz.

Não eram todos os distritos que aceitavam uma bruxa entre eles. Mas naquele, em específico, onde um clã firmou-se no cume da montanha, éramos bem-vindas, pois nossos cantos e nossas ervas já haviam trazido peixes, curado feridas, e nossa comida, saciado bocas famintas.

— Maya. Você sabe o que está acontecendo? — Ouvi as perguntas, mas estava imersa na semelhança das duas mortes: Dois suicídios na mesma noite. Ambos de moradores que se jogaram de uma construção alta, de costas, direto no chão de pedra. O crânio sem chance de aguentar e os olhos arregalados mirando o céu.

Um choque elétrico, quase uma fásca, arrepiou minha nuca: intuição de bruxa.

— Eu não sei o que está ocorrendo, — respondi, — mas sei que ainda não acabou.

O som de um baque. Outros gritos irromperam. Eu pensei em correr mas escutei, dentro de minha mente, a sábia Yvoty: “Você não irá impedir o que está acontecendo Maya. Cuide dos seus e suba a montanha”.

Enquanto mais uma parte dos moradores corria de volta para a praça central, eu segurei no braço esquerdo de Daniel, um homem de muita influência no Distrito, responsável pelo nosso acampamento de pesquisa.

Ele parou de andar e me olhou com sobriedade, aguardando que eu falasse.

— Essas pessoas estão se matando, Daniel — Ele ergueu as sobrancelhas e eu pensei nas palavras que iria usar, mordendo o lábio. — Não temos como saber quem será o próximo ou o motivo. O melhor é que todos fiquem juntos na praça até o nascer do Sol. Eu vou subir a montanha.

— Precisa de alguma coisa? — Sua pergunta soou como um suspiro.

— Guarde minhas coisas em um local seguro e, por favor, não seja o próximo.

Nos despedimos com um aceno. Ele seguiu para o centro, já dando comandos para que todos ficassem juntos, e eu contornei a cidade até a trilha aos pés da montanha.

Subir a Tesakã era uma tarefa perigosa. Uma montanha íngreme, despontando do solo como uma faca inclinada. Robusta para a cidade e para o mar, oca para o continente e o grande deserto vermelho. Era repleta de vida selvagem, e placas de solo falso, como cascas de uma árvore, que, se pisadas sem cuidado, escorregavam montanha a baixo. A trilha ficava na parte mais segura da montanha, e seu caminho era marcado por



degraus entalhados a cada cinco ou seis metros. Mato, areia do mar, pedras e flores silvestres invadiam a passagem, tornando fácil perder as referências.

Quando cheguei ao clã, Sãmira estava à minha espera e me deu um abraço apertado.

— Mesmo que a sábia não tivesse me dito, eu saberia que estava a caminho. O vento assobia diferente quando você vem.

Abracei-a me dando conta que fazia meses que eu não visitava minhas irmãs. Eu gostava de viver no distrito, sendo útil à população e à pesquisa, me sentia mais viva do que nunca, no entanto, a aldeia era meu lar, minha família, onde fui acolhida e trabalhei meus dons, assim como tantas outras mulheres que despertaram seu poder com a chegada da areia.

— Como vão as coisas no acampamento?

— A pesquisa segue bem. O mapeamento das estrelas vai ajudar nas navegações futuras. E os testes sísmicos evoluíram. Talvez em um ano, talvez menos, tenhamos um mapa razoável do que ficou sob a areia.

— E Daniel?

— Talvez sejamos como duas árvores, cada um crescendo à sua maneira, próximos, mas é só.

— Não é isso que eu vejo no seu fu...

— Sãmira, essa parte do futuro não me interessa. E você sabe que as linhas de cada caminho estão por serem escritas no hoje. O que você vê, assim tão longe, não é nada mais que um rascunho inacabado.

Ela deu de ombros enquanto caminhávamos. Era tão bom estar em casa, respirar a leveza perigosa de Tesakã e o cheiro do fogo queimando a madeira doce que só ali existia, graças às flores e frutos do chá da lua, preparado a cada semana, e suas sombras banhavam a madeira já cortada.

— Eu também não tenho tempo para nada disso, Sãmira. As pesso ...

— Eu sei, eu sei. Quando você passa muito tempo na cidade fica ansiosa e controladora como eles.

Pensei em responder, mas vi Yvoty se aproximando. Era tão bom vê-la de fato, com sua pele amarronzada, cabelos azuis muito claros, e sentir seu cheiro de urucum.

— Querida Maya, venha. — Ela me guiou para dentro de sua casa. A porta de madeira estava aberta, revelando suas paredes rústicas de barro e troncos. — O vulto que você viu subindo a trilha é de nossa irmã, Vaióla. Ela veio de longe pois sentiu que estava adoecendo de algo que não sabia tratar, assim fez uma longa jornada até aqui e agora, repousa.

As casas do clã eram todas parecidas. Um cômodo de entrada para guardar utensílios pessoais de caça ou de ritual, e o outro, um espaço para descanso, com uma cama baixa, feita de catre de madeira e folhas, ambos cobertos por um tecido de trançado grosso. Era ali que Vaióla repousava, de aparência frágil, com olheiras profundas e os lábios ressecados.

— Ela parece tão fraca e cansada, — sussurrei. — Os ossos quase aparecem na pele, e sua cor está apagada.

— Encontramos isso em sua mão. — Yvoty me entregou um papel que fora amassado:

*“Vá ao encontro de suas irmãs.  
Você não quer morrer”*

— ELA ESCREVEU PARA SI?

— Pelo que consegui ler de sua mente, ela adoeceu, sentia-se cada vez mais fraca, sem vontade de viver. Mas seu espírito sempre foi forte, então, Vaióla percebeu que essa fraqueza não correspondia a uma vontade que era de fato sua, do seu ser, e peregrinou até nós em busca de ajuda e cuidado. Agora, veja —

Yvoty apontou para a segunda frase no papel. — Aqui ela escreveu com outro material, ainda não sabemos o que, mas percebemos que a frase está deslocada da primeira.

— A vontade de morrer veio depois, — concluí, e depois de olhar um pouco mais para Vaióla, e pensando na população do Distrito indaguei — E por que me chamou mestra? Eu corria algum perigo lá embaixo.

— Eu lhe chamei por dois motivos. Aqui você precisará recarregar suas energias e passará novamente pelo ritual, as anciãs querem reforçaram os laços com você, dando-lhe força para o que virá...

— E o outro motivo?

— Sãmira me pediu.

Saindo da casa de Yvoty encontrei minha amiga vidente sentada em um tronco próximo. Ela entregou-me uma fruta e mordeu outra.

— Venha comigo.

Sáimos da aldeia e seguimos para a ponta de Tesakã, um platô de pedra que acaba no meio do céu. Dali, era possível ver o infundável deserto vermelho do nosso continente e o vento levantando a areia, pintando todo o céu da mesma cor. Já havíamos terminado de comer e, percebi o quanto estive com fome todo aquele tempo.

— Maya, você tem razão, algumas de minhas visões são como rascunhos, e eu vejo várias linhas, se contorcendo e se formando, nas infinitas possibilidades de destino. Mas outras, são como a fome. Elas sempre estão lá, às vezes me deixam zozna e fraca, me tiram a força, e me perseguem, ainda que eu tente ignorá-las com as ações práticas do meu dia. Mas a fome não passa, só fica maior, até que eu a alimento. Quando eu tenho essa fome, essa necessidade de ver o abismo futuro, eu medito. E o que eu vejo sempre é terrível. E eu vi você, Maya. Eu vi você, sozinha, caminhando no deserto vermelho.

— Mas não há nada lá. — Respondi surpresa.

Minhas mãos suaram frio: eu já havia caminhado pelo deserto antes. Quando o mundo foi tomado pela areia, e eu sobrevivi, passei a ouvir aquela voz a me guiar pela areia. Foram dias até encontrar as bruxas, mulheres que tiveram a intuição e a *psiquê* desperta no chamado da mãe terra. No cume daquela montanha a aldeia se fez antes mesmo do distrito. E eu deixei o deserto e suas sombras no passado.

— Maya, pensei muito sobre isso. Como podemos dizer que não há nada dentro do continente? Inúmeros corpos estão soterrados nessa areia, fazendo dela um grande cemitério do mundo que já existiu, porém...

Eu olhava para Sãmira, vendo seu cabelo curto, na altura do queixo, remexendo no vento que vinha do deserto. Ela encarava o horizonte vermelho à nossa frente.

— Porém...?

— Sempre houve vida nos cemitérios. As árvores que têm suas raízes nutridas em solo hostil, dão frutos, flores, e morada para pássaros. — Ela se virou para mim. — Eu sei que vai acontecer alguma coisa, Maya. Você irá para o deserto, mas não sei voltará.

Sãmira deu as costas para mim e voltou para o centro do clã. Eu deixei que as palavras de minha amiga ressoassem e dei alguns passos à frente, ficando bem próxima do abismo. Na montanha oca, lá embaixo, o vento fazia curva como um redemoinho, assobiando e levantando areia. Pensei nas minhas irmãs do clã, nas pessoas do distrito e na Julia, que acabara de ficar órfã. Pensei em Daniel... Havia sim um motivo que me faria entrar no deserto: a vida. Era esse motivo pelo qual eu atuava no distrito, me envolvia nas pesquisas ou na cura: fazer com que a vida encontrasse maneiras de florescer.

Passei todo aquele dia, uma noite, e mais uma manhã entre as bruxas. Lá descansei, me alimentei, e passei novamente pelo

ritual que deixou meu espírito fortalecido, minha mente equilibrada, o coração calmo e, curiosamente, o cabelo mais azul.

Assim que desci a montanha senti que o distrito estava diferente, parecia eufórico, e ao mesmo tempo silencioso demais. Vi dois homens fardados de roupa preta, em locais estratégicos da cidade, e as pessoas que andavam na rua estavam em silêncio e apressadas. Achei melhor desviar e chegar no acampamento de pesquisa pelo lado de trás, entre o mato alto no declive até a praia, pois do outro lado do acampamento, entre nós e os enormes canos da usina de dessalinização, havia uma cabana cinza chumbo, e não bege como a nossa, além de uma quantidade razoável de homens do novo exército.

Mal pensei no que fazer, Daniel apareceu com um tecido verde e cobriu meu cabelo.

— Os federais estão aqui. Eles não podem saber da sua presença ou será perigoso.

Concordei e escondi meu cabelo dentro do tecido e da roupa, enquanto Daniel me guiou para dentro de sua cabana.

— Você estará mais segura aqui.

— Porque não posso ir para a minha cabana? Porque os federais estão aqui? Nós perdemos mais alguém? E... — Parei de falar quando senti um aperto no peito ser desfeito. Daniel continuava vivo! Sentei-me na cadeira em frente à sua mesa de pesquisa.

Ele puxou outra cadeira e sentou-se de frente para mim.

— Maya, nós perdemos quatro pessoas naquela noite. E mais duas nesta. Todos por suicídio. E não é só isso, muitos outros estão... Eu não sei dizer...

— Apáticos, tristes, fracos. — Daniel arregalou os olhos — Uma de minhas irmãs está assim também, — lhe confessei com o coração apertado.

— Uma doença que nem mesmo uma sacerdotisa é imune?

Meneei a cabeça afirmativamente. Só aqueles que tinham grande respeito por nós, nos chamavam daquele modo.

— E os federais? E minha cabana? — Inquiri.

— Suas coisas estão seguras. Eu trouxe para cá assim que subiu Tesakã, pois não sabia quando iria retornar. E como sua cabana ficou vazia, e é a mais perto do mar, os federais ocuparam como ponto estratégico para observação. Vem vindo um navio para cá.

— Um navio com o que? Eles sabem o que está ocorrendo?

— Em todos os Distritos já está acontecendo. O nosso foi um dos últimos a contrair a febre do torpor. É assim que eles chamam essa doença. As pessoas ficam em estado de exaustão. Surgem calafrios por todo corpo, e elas não têm forças para seguir. Então, vem a noite. Elas começam a alucinar, dizem estar vendo fantasmas e escutam uma voz que as convence a... Bom, você sabe...

— Fantasmas? Você tem certeza?

— Sim. Os primeiros gritos que ouvimos foram das pessoas que se mataram. Os familiares dizem que elas estavam vendo fantasmas já há alguns dias, mas ninguém queria admitir ou pedir ajuda.

A sensação de impotência queria tornar-se raiva. Não era possível que eu não tivesse visto tudo aquilo, ou que ninguém tivesse pedido meu auxílio.

— Mas nem para mim? Para que serve uma bruxa nessa cidade, então?

— Maya, você sabe como ficaram as coisas nos últimos anos. Ninguém quer pedir ajuda, ou parecer que é incapaz. A ideia de reconstrução e da sobrevivência está introjetada em nossas mentes. Assumir que estamos alucinando, ou um familiar lidar com isso, é assustador.

— Tem razão. Tem razão. — Suspirei, tentando aceitar que,

mesmo com meus dons, não poderia salvar todos eles. Ao menos, ainda não. — É difícil acreditar em algo desse tipo.

Daniel coçou a barba e continuou.

— Então, veja isso. Achemos uma carta do rapaz que se matou na usina. Ele dizia que preferia morrer a continuar vendo e ouvindo tantos mortos.

Eu pensei por alguns instantes. Minha mente fez várias ligações. Como estávamos sozinhos abaixei o tecido de minha cabeça, e dei algumas voltas pela cabana, esfregando minha testa com o polegar direito.

— Ele não escreveu fantasmas, ou espíritos. Ele escreveu mortos, — falei encarando novamente Daniel, que continuava sentado, com os cotovelos apoiados na coxa e corpo para frente, atento a cada movimento meu. — Eles não estão vendo qualquer espírito. Estão vendo seus mortos, as pessoas que conheciam.

— Talvez você esteja certa, isso explicaria o peso da culpa.

— Da culpa? — Indaguei. — Por que se sentiriam culpados?

— Quando nos juntamos nas praias, e começamos a formar a cidade, um ou outro sentiu culpa por continuar vivo depois de tudo. Muitos de nós perdemos a família inteira, pais, irmãos, maridos. Eu mesmo perdi minha esposa e filhos. — Uma sombra pairou sobre seu olhar. — É difícil seguir assim. Os que conseguiram se restabelecer mais rápido foram aqueles cujo núcleo familiar não foi totalmente rompido.

— Mas eu achei que o Complexo 14 havia retirado essas sensações de vocês.

— E se não tiver retirado? — Daniel se levantou e andou na minha direção — E se o complexo 14 estiver, apenas, enfiando esses sentimentos para o fundo. — Ele colocou a mão sobre o peito.

Encarei-o de rabo de olho, ele estava me escondendo alguma coisa.

— Você ainda toma?

— Não tomo. Parei com as pílulas um pouco depois de ter conhecido você.

Sorri. Havia aprendido com minhas irmãs que cortar o fio do complexo 14 era doloroso, mas a longo prazo os resultados eram benéficos.

— E os navios?

— Eles dizem que irão trazer alimento e medicamentos.

— Mas temos comida aqui.

— É possível que não dure. Nos distritos onde a febre do torpor começou, as pessoas pararam de sair de casa, de plantar e colher, até o centro de pesquisa e a usina podem ser prejudicados.

— Nós... nós temos que fazer alguma coisa, — gaguejei quase em sussurro.

Daniel me encarava. Sua respiração mais próxima a minha. Lembrei das palavras de Sãmira e me perguntei: quando os rascunhos se tornam fome?

O tecido que protegia a entrada da cabana se levantou e eu rapidamente cobri meu cabelo. Um federal entrava.

— Sr. Daniel, precisamos conversar... Ah. Vejo que sua esposa está melhor. Como se sente, senhora? Acha que é uma possível vítima do torpor?

— Ah... não, não. — Respondi, entrando no teatro. — Era apenas um resfriado.

— Ficamos aliviados. Daniel, o senhor é um líder no distrito não é? Já conversamos com o encarregado geral, e vamos fazer um centro de cuidado para os doentes. Por enquanto, eles poderão ficar com suas famílias, contanto que sejam devidamente protegidos durante a noite. As pessoas solitárias, ou se forem muitos, terão que ir para o centro de cuidados.

— Certo. E como posso ajudar?

— Infelizmente, se forem muitos os doentes, eles terão que passar a noite amarrados para que não cometam suicídio. Eu sei



que é muito pesado, mas não podemos deixar que essas pessoas se matem. Agora pode nos ajudar com o levantamento?

Daniel virou-se para mim. Estávamos visivelmente incomodados com aquelas medidas, tanto que nos encaramos com o mesmo olhar surpreso e o queixo caído, quase esquecendo de respirar. Ele quem conseguiu romper o peso que pairava no ar.

— Ehr... — Daniel pigarreou. — Guardei suas anotações da pesquisa ali, querida, — apontou para uma caixa de madeira no chão. — Agora vou com o federal.

Sozinha na cabana de Daniel, permaneci alguns segundos digerindo as últimas informações, que mesmo sendo muitas, ainda me deixavam no escuro quanto ao que fazer ou como agir. Mais do que a sensação de pisar sobre a areia insegura, me via incapaz. Respirei fundo e fechei a entrada da cabana com o zíper para não ser surpreendida. Entre minhas coisas, separei algumas para um ritual rápido com minhas irmãs. Deixaria uma vela sobre um pires, entre as folhas de alecrim, e, quando ela se acendesse, teria uma mensagem.

Foram semanas à espera de alguma resposta. Enquanto os federais estivessem no distrito, eu não podia andar livremente pela cidade, nem fazer meus rituais para trazer bons peixes, ou curar alguém. Então me envolvi nos trabalhos do centro de tratamento, passando meus dias ouvindo os desvarios dos que desenvolviam a febre do torpor. Por estar casada com Daniel, éramos escalados sempre no mesmo horário. Ele seguia no apoio aos federais, e, quando deixava o turno, nos encontrávamos para caminhar até sua casa, e não a cabana. As pesquisas estavam suspensas e nosso acampamento seria ocupado pelos federais. O principal, era manter o funcionamento da cidade.

As casas do nosso Distrito eram bem simples, tinham pequenas cozinhas, despensas em vez de armários, um ou dois quartos e o banheiro ficava para o lado de fora. Sem água encaçada, havia água nas caixas d'água, e, claro, era bem fracionada.

— Nenhuma mensagem ainda? — Ele me perguntou quando me viu trocar as flores em volta da vela que havia disposto ali. Mantendo o canal aberto para com minhas irmãs.

— Nenhuma. Ao menos eu sei que elas estão bem. Só não devem ter nenhuma resposta.

Nos sentamos à mesa para a refeição à luz do candelabro, já que eletricidade era coisa do passado. Nas primeiras noites falávamos sobre tudo. Ele me contava sobre a patrulha nas ruas que imobilizavam qualquer pessoa com comportamento estranho e eu falava sobre o hospital. Mas depois de todos aqueles dias já não suportávamos aqueles assuntos. O cansaço batia à porta e tínhamos que evitar a desesperança.

— Hoje os federais me deram isso. — Ele tirou um frasco de comprimidos com o número 16 na embalagem. — É mais forte do que o 14. Eles querem que eu tome esse, e não o outro. Na verdade, querem que nós dois façamos isso.

— Você sabe que eu não vou fazer isso. Nem que fossemos casados de verdade. Mas você pode tom...

— Eu também não vou tomar, — ele me interrompeu segurando minha mão sobre a mesa. — Não preciso.

Após o jantar seguíamos cada um para o seu quarto, quando algo me ocorreu. Eu olhei para a vela, ainda apagada, depois para o complexo 16 sobre a mesa.

— Daniel. — Chamei-o. — O complexo 16 não é mais forte. — Ele franziu o cenho curioso. — Ele é mais seguro.

Seus olhos se arregalaram e ele coçou a barba com ambas as mãos.

— Essa é a resposta, — continuei. — É o Complexo 14 que está causando tudo isso. Mas se as pessoas pararem de tomar, só pararem, não vai funcionar. Vaióla não toma há anos e ainda assim desenvolveu o torpor. Por isso eles querem que você troque a medicação. Você é útil demais para que eles arrisquem lhe internar. E... — fiz uma pausa, a ideia presa na

garganta. — Quanto a mim... Bem, talvez eles me achem útil ou...

Nos encaramos por um instante. Ele se aproximou e segurou minhas mãos. Sua respiração muito perto da minha.

Daniel e eu nos conhecemos quando, incumbida de minha vocação, desci a Tesakã e me juntei às pessoas do distrito. Ele estava na praia, com os pescadores, discutindo se deveriam se arriscar mar à dentro, à procura de peixes. Eu me aproximei, afirmando que poderia trazer os peixes até a costa. Apesar de cétricos e desconfiados com as bruxas, não seria a primeira vez que uma de nós saía da aldeia para ajudar, então permitiram-me fazer meu encantamento. Chamei os peixes, e eles vieram direto para as redes. No mesmo dia, ao entardecer, uma moça caiu doente, e eu colhi as ervas certas para ajudá-la. Fui ficando no distrito, e notando como ele também agia, liderando e apoiando a construção da usina de dessalinização ou outra função necessária. Começamos a conversar, ele me contou de suas perdas, eu falei das minhas. Às vezes nos encontrávamos na praia ao pôr do sol, em silêncio, trocando olhares que não passavam disso, e nos abraçávamos na hora de ir embora para fugir do frio. Eu sabia que ele não estava pronto para amar novamente, e que eu estava ocupada demais salvando as pessoas. Depois veio o acampamento de pesquisa, e ele me ofereceu um posto. Éramos companheiros, melhores amigos. Sempre perto. Mas sempre desviando os olhares antes que a barreira que mantinha nossos corações em exílio, pudesse ser rompida.

Agora, ele me encarava daquela forma. Sem medo. Destruindo a parede entre nós.

— Eles querem que você tome o complexo 16, em vez do 14, pelos dois motivos: o sucesso do seu trabalho, e por que eles sabem o que eu sinto por você...

Meu estômago se revirou. Seu cheiro invadindo minhas narinas, e o brilho de seus olhos na luz bruxuleante e frágil do

candelabro, junto a um sorriso tímido. Mas tremi. Uma lágrima me escapou. Senti um aperto no peito e as mãos suaram frio. Minha mente foi invadida pela imagem das pessoas nos hospitais, seus gritos, implorando para que fossem soltos e pedindo pela morte. Eu estava fraca, sabia disso. Mas me forçava a ficar em pé, ainda que dormisse todas as noites com a voz da morte ao meu ouvido, e acordasse com a imagem da área vermelha, me engolindo.

— Não. Não continua por favor, não agora. — Mordi o lábio e outra lágrima escorreu de meus olhos. Apegar-me a ele naquele momento, mais do que já estava, iria dificultar minha missão.

Ele quis me interromper, aproximando seu rosto do meu, mas não deixei:

— Eu preciso lhe dizer uma coisa... Minha irmã Sãmira teve uma visão, e agora eu entendo o que era... Daniel, tem alguma coisa no deserto, me chamando. Eu acredito que pode ser uma cura, mas só vou achá-la se eu for sozinha.

— O que você está dizendo? — Seu rosto quase colado no meu — Que vai entrar na área vermelha? Que vai embora?

— Não. Não é isso, — falei com pesar. — Nessas últimas semanas eu a escuto. É como se me chamasse. E agora que sabemos a causa, sei que posso achar a cura. E preciso ir sozinha, pois é só assim que a voz faz sentido dentro da minha cabeça.

Daniel colou seu corpo no meu.

— Quando você parte? — Sua voz saiu baixa.

— Amanhã... Eu sinto muit...

Então me beijou, e eu o retribui. Nos envolvemos em um abraço quente, sentindo o cheiro um do outro para guardar cada sensação na memória. Havia tristeza, medo, e a apreensão de que nunca mais fossemos nos ver e talvez por isso, dormimos juntos naquela noite.

Naquela manhã tomamos café e não falamos sobre a minha

missão. Eu separei uma mochila, água e comida. Combinamos que ele sairia no mesmo horário e eu um pouco depois. Antes de sair ele beijou-me e me abraçou, sussurrando em meu ouvido que, assim que eu retornasse, tudo continuaria a partir daquele instante. Juntos.

Eu já estava com a mochila nas costas quando a vela acendeu. Não era Yvoty que aparecia, mas Sãmira.

— Eu tive uma intuição essa manhã. — Sua imagem aparecia à minha frente. Eu larguei a mochila e fui até ela. — Soube que você desenhou sobre os rascunhos. E por isso estou aqui, Maya. Nós estamos bem, Vaióla acordou, mas ainda está fraca. Duas outras irmãs adoeceram também.

— A causa está no complexo 14. — Falei para Sãmira. — E eu vou achar uma cura.

— Isso... Isso explica muita coisa. Yvoty me disse que após lhe contar minha visão, não deveria influenciar no seu caminho. Mas como você já se decidiu...

— Está tudo bem, irmã. Eu acabaria escutando o chamado do deserto.

Sãmira fez um gesto com as mãos que queria dizer, ao mesmo tempo, que me amava e estaria conectada comigo. Eu fiz o mesmo, e sua imagem se desfez enquanto ela se despedia.

— Que as ancestrais guiem seus passos, minha irmã.

O fato era que, desde o dia que Sãmira me contou sobre sua visão, eu ouvi a voz do deserto. O que no início era um assobio, com o passar dos dias, virou um murmúrio e então, uma voz dizendo-me para ir sozinha pelo deserto, só assim eu escutaria com clareza as suas instruções: era preciso pisar leve sobre a areia, ser suave no caminho, escutar o vento, e assim a jornada seria permitida. Esse era um dos meus segredos. O outro, é que assim que me mudei para a casa de Daniel também fui acometida pelas visões e o torpor.

Se estivesse dormindo, acordava suando frio, e em silêncio,

tentava vencer os tremores e a visão dos mortos que se sentavam ao pé de minha cama, ou paravam à porta. Todos de pessoas que eu já havia conhecido. Então eu orava aos meus ancestrais mais antigos, para que acolhessem os espíritos daqueles que foram soterrados. Já durante o dia, na casa de tratamento, e principalmente nas noites de plantão, eu os ignorava para sussurrar aos doentes que aquelas pessoas, que eles achavam que viam, jamais lhes desejariam algum mal. Mas minhas palavras já não faziam efeito sem minhas ervas ou o canto. Mas só na conversa com Daniel eu entendi que, aquelas pessoas, estavam contaminadas demais pelo complexo 14 para vencer a doença só pela vontade.

---

NO DESERTO as formas difusas que o Sol forte me fazia ver eram os meus principais fantasmas. A areia balançando no ar, confundia minha visão e castigava a pele. O Sol quente refletia sobre ela, e o ar abafado subia, turvando a atmosfera. Foram dias andando, com pequenas paradas durante a noite para descansar os olhos. Era nesse momento que eu voltava a vê-los: de rostos pálidos, olhares ocos e bocas secas. Sussurrando-me que meus esforços eram inúteis. O calafrio percorria o meu corpo e, então, eu acordava, mas eles se mantinham ali, rindo, me dizendo para abraçar a morte.

Eu voltava a fechar os olhos, para ignorá-los e procurar entre suas vozes, a fala do deserto, ela era macia, como o barulho de areia sob as ondas do mar. Ela me falava sobre as estrelas, nas quais eu procurava minha rota.

Dez dias depois, achei o enorme declive, grande ao ponto de não conseguir enxergar onde acabava. Por mais dois dias eu o descí. Estava sem forças, o suor salgado que escorria de minha testa caía nos meus lábios amargando a boca. Os vultos agora tinham o contorno das pessoas que deixei para trás, e a última

vez que a voz do deserto falou comigo, mandou-me seguir para onde o Sol se deitava.

Então tropecei. Rolei pela areia, quase sem consciência. O corpo todo estava dolorido e fraco. Deixei que meu corpo afundasse um pouco ali, encarando o céu vermelho e infinito. Não havia vida nenhuma naquele cemitério, e a minha, se esvaia.

Acordei sem saber quanto tempo havia passado, era noite e uma brisa fresca passava por mim. Havia areia sobre toda minha roupa, rosto, cabelo. Ergui as costas com dificuldade sentando-me. Busquei mais um gole de água. Logo ela acabaria, assim como não havia mais comida. Chorei. Eu teria sido mais útil se continuasse no hospital? Não. Eu continuava sentindo aquele chamado, ainda que já não existissem palavras. Estava sozinha com minha intuição.

Mas estava cansada, com o corpo pesado e o rosto machucado pelo vento e a areia. E se a visão de Sãmira significasse apenas que iria enlouquecer? Houveram expedições e nenhuma encontrou qualquer coisa além de areia e o céu vermelho. Seria tão bom poder contar com a tecnologia dos federais para encontrar seja lá o que eu precisava encontrar. Mas aquela era uma missão solitária. A voz sempre me disse. Exausta, encarando o horizonte a noite virou dia, entardeceu, e eu continuei admirando o vermelho do céu, perdida em pensamentos como uma criança solitária. Ali imaginei que não estava no mesmo planeta de antes, era como olhar para a imensidão do céu de Marte: um planeta inteiro inóspito à vida.

Tudo que eu sabia fazer era rezar meu canto e colher as ervas. Suspirei. Marte, que já fora o deus da guerra, agora, surgiu feito um devorador de continentes inteiros, não metaforicamente, mas agora podia vê-lo no céu. As bruxas sabiam o que alguns astrônomos ainda calculavam. Marte estava cada vez mais perto, sua rota de translação se aproximara da nossa. Então, a vida, mais que nunca, era apenas um instante.

O vento voltava a espalhar a areia e junto com ela, balançava meu cabelo azul e as roupas. Era hora do crepúsculo novamente, e o vento vinha com tudo. Assustei-me. Ventava cada vez mais forte. Eu enfrentaria uma tempestade de areia e eu não tinha proteção. Levantei-me. Cobri a cabeça e fechei os olhos. Se ficasse parada a tempestade me enterraria. Achei que havia decorado a posição do pôr do Sol e segui, de olhos fechados, lutando contra o vento e a areia.

Enquanto seguia, cantava, dentro de minha mente.

Não saberia dizer quanto tempo havia passado, provavelmente horas, quando o vento parou e eu abri os olhos. Ainda era noite, mas havia algo de muito estranho no deserto. Dei mais alguns passos, o chão estava firme sob meus pés.

A areia foi varrida em duas enormes montanhas, uma de cada lado, e à minha frente havia asfalto, alguns postes, quebrados é claro, e um caminho reto, iluminado por uma enorme lua cheia no céu. Andei ainda confusa, sem saber se aquilo era mesmo real, quando percebi duas energias diferentes. Mais à frente, um pouco para a esquerda, sentia a presença de uma vida nova, delicada, mas não frágil, já atrás de mim, a certa distância, havia respirações inquietas. Talvez eu não estivesse totalmente sozinha ali.

Meu corpo doía e sabia que, se precisasse enfrentar alguém, seria pega ou morreria tentando me livrar. Então preferi seguir a presença à frente, pois se fosse a cura, não poderia cair nas mãos de qualquer um. Corri, e depois de um morro de areia, e escombros de uma construção, a encontrei: uma pequena árvore, de caule grosso e claro, e folhas amareladas. Podia sentir que aquele era o antídoto. Era exatamente aquele lugar que me chamava, pois, a energia era a mesma desde o assobio na montanha. Mas como a levaria de volta, como produziria algo capaz de salvar milhares de pessoas só com uma única planta? Seria preciso um laboratório inteiro e, antes disso, seria preciso que assumissem



que o problema era o complexo 14. Continuávamos fadados ao fracasso. A tempestade de areia voltava. Marte, gigante, confundia-se com uma estrela no céu. Era melhor que a areia me engolissem.

A visão estava turva. Haviam vozes e passos.

— Maya! — Uma voz masculina me chamava.

— Ela vai sobreviver. — Outra voz. Reconheci um cabelo azul, curto, se remexendo no vento.

---

ACORDEI DOLORIDA, reconhecendo o quarto de Daniel, mas era Sãmira que me olhava dormir. Balbuciei algo, mas ela me pediu para ficar em silêncio e descansar. Daniel apareceu na porta segurando a planta e a colocou ao lado da cama.

— Quando dias se passaram sem notícias suas, Daniel foi até a trilha, para pedir ajuda ao clã, mas eu também sentia que você precisava de mim, e acabamos nos encontrando aos pés da montanha. — Sãmira me explicava.

— Nós conversamos sobre tudo que nos disse e sobre a visão de sua irmã. Entendemos que apenas sozinha você conseguiria ouvir a voz que a guiaria pelo deserto, mas isso não queria dizer que você não precisasse de ajuda para voltar. Eu peguei emprestado um veículo dos federais, e as visões dela nos levaram até você.

— Agora descanse, — Sãmira colocou sua mão em minha testa, acariciando-a. — Os federais deixaram a cidade, mas o hospital continua funcionando. Como eles precisavam de gente para trabalhar, eu me ofereci.

Ela saiu do quarto deixando-me com Daniel, que me deu um beijo de leve.

— Maya, enquanto voltava para casa você disse, várias vezes,

que não faz ideia de como essa planta ajudaria. Mas tente descansar agora. Se alguém poderá descobrir, é você.

Sozinha no quarto, olhei mais uma vez para a árvore. De caule grosso, porém claro, suas folhas pontudas pareciam veludo. Eu nunca havia visto nada como ela, crescendo na própria areia. Refleti sobre a planta, mas também lembrava da forte energia daquele lugar. Não era só da pequena árvore, mas do terreno em si.

Levantei de súbito, saí do quarto e chamei Daniel. Eu precisava que ele montasse o telescópio, reabrisse as pesquisas e pedisse ajuda de seus pesquisadores mais confiáveis. Era urgente. Deveríamos agir antes que outra tempestade se formasse no deserto.

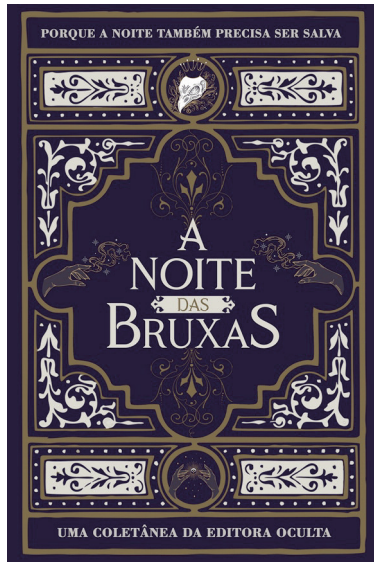
Depois de olhar o céu noturno, traçamos rotas a partir das referências das quais eu me lembrava, desenhamos um mapa que confluía sobre a direção que tomei e do pouco que tínhamos dos avanços sísmicos. Havia levado a planta para o lado de fora, onde montamos a mesa para os cálculos, para que ela pudesse me inspirar e também à equipe que se juntava a nós. Foram horas ininterruptas de trabalho. Sãmira, quando voltou do hospital, tratou de nos auxiliar com boa comida e chás especiais que lhe disse como fazer. Às vezes, de canto, ela confirmava alguma direção com o lampejo de uma visão.

Construímos um plano.

Chegamos à conclusão de que a planta que encontrei se trata de uma sobrevivente. Ela adaptou-se à areia do deserto vermelho, o que indica que há algum tipo de nutriente na areia, mesmo que ainda não saibamos como usá-la. Mas, sua localização é nosso grande trunfo. Ela indica um laboratório antigo de pesquisas e é possível que lá, encontremos a cura não só para a febre do torpor, como aquilo que alterou o solo arenoso da região, tornando a vida dessa planta possível.

Todos deveriam suspender o uso do complexo 14, aceitar a dor que isso trará, chorar por seus mortos, lidar com suas angústias e o cansaço. A febre do torpor, precisa ser combatida na sua causa, e não há milagre que a fará ir embora. Há pessoas boas trabalhando em uma maneira de amenizá-la, pois devemos testar todas as possibilidades e espero que logo encontremos um resultado satisfatório. Agora nossa equipe se desloca continente adentro, com a esperança de que as noites sombrias de gritos e mortes fiquem para trás.

## NOVIDADES



Em breve, o livro contendo todos os contos estará disponível na Amazon. Não perca!